

Seca severa na RMC é mais pronunciada em Artur Nogueira, que sofre com a falta d'água

Luis Eduardo de Sousa
luis.reis@rac.com.br

A crise hídrica em Artur Nogueira é o principal assunto da cidade. Nas calçadas, praças e comércios, todos discutem a situação, unanimemente considerada a pior do século.

A longa estiagem que afeta não só o município, mas toda a Região Metropolitana de Campinas (RMC), resultou na maior baixa já registrada na represa Mateus Mariano Cotrins, responsável pela captação de água para os 51,4 mil habitantes da cidade. Desde março, não chove em Artur Nogueira, e o nível da represa está em apenas 15% de sua capacidade.

Habitantes se viram como podem para abastecer as casas

O cenário ao redor do reservatório, localizado na área rural, é desolador. A falta de chuva impacta a biota local: o capim está seco, as árvores parecem mortas, sem folhagem, e a poeira das estradas de terra cobre a pouca vegetação que sobrevive às margens da represa. No tanque, resta apenas um pequeno fio de água, mais parecido com um açude do que com uma represa.

Cerca de 200 metros separam a margem do ponto onde ainda há alguma concentração de água. O acesso é difícil, com galhos secos, espinhos e solo irregular, lembrando a caatinga. No centro da represa seca, alguns pescadores tentam capturar peixes no que sobrou de água.

Um desses pescadores é Jailton Araújo, 48 anos, morador da cidade há mais de 20 anos. Ele nunca presenciou tal situação. "Na cidade está triste. Todo mundo decepcionado com a falta d'água. A pessoa chega do trabalho e não tem água para tomar banho. Nunca vi a represa desse jeito, tampouco voltei sem levar ao menos uma tilápia para casa", conta à distância, separado por uma ilha formada em meio à água.

Segundo o serviço de abastecimento municipal, para operar normalmente, a represa deve ter ao menos 60% de sua capacidade. Esse valor não é registrado há quase dois meses.

No início de julho, quando havia 40% de água no reservatório, a cidade iniciou o racionamento de água. Também no mês passado, decretou estado de crise hídrica. Moradores dizem, no entanto, que falta água nas torneiras há muito mais tempo.

Em um dos bairros mais atingidos pela crise, o Bom Jardim, comércios já tiveram que parar de funcionar, especialmente nos primeiros dias de racionamento. Sem preparar uma reserva, foram pegos desprevenidos pelo esquema adotado, que impediu a continuidade dos trabalhos. Elisete Lima, 35 anos, moradora do bairro e atendente de uma padaria, relata: "Em alguns dias, tivemos que parar porque estávamos totalmente sem água. Vendemos o que tinha pronto, mas não tinha como produzir novas coisas".

Para manter o estabelecimento, Elisete enche alguns galões de 5 litros e um tonel de 100 litros quando há água na torneira, o que ocorre em um curto período do dia, geralmente durante a manhã.

Nívia Maria, 43 anos, adota o mesmo sistema para não ficar desabastecida em sua casa. Ela monitora as torneiras diuturnamente e, quando a água chega, corre para encher os dois tambores de 100 litros que mantém em casa. Na sua loja de variedades, que fica no piso térreo, as vendas de recipientes de armazenamento dispararam.

"Somente esta semana vendi 100 tambores. Antes eu trabalhava com apenas dois em estoque. Todo mundo



A longa estiagem que afeta não só o município, mas toda a Região Metropolitana de Campinas (RMC), resultou na maior baixa já registrada na represa Mateus Mariano Cotrins, responsável pela captação de água para os 51,4 mil habitantes de Artur Nogueira

CRISE HÍDRICA

Pior seca da história castiga população de Artur Nogueira

Desde março não cai uma gota e o reservatório está com 15% da capacidade



No centro da represa seca, alguns pescadores tentam capturar peixes no que sobrou de água; o acesso é difícil, com galhos secos, espinhos e solo irregular, lembrando a caatinga

aqui no bairro está fazendo isso para não ficar desabastecido, porque durante o dia todo não tem água", conta a comerciante.

Quem não tem tambor apela para garrafas PET, como o eletricista Elton Rocha, 45 anos. O processo de obtenção de água para ele é mais complicado. Há quase dois meses, ele percorre cerca de 3 km para encher as garrafas que são usadas durante o dia. "Tenho esposa, tenho filho pequeno, então não dá para ficar esperando a água chegar", diz.

Rocha e um grupo de pessoas abastecem seus recipientes em torneiras públicas instaladas em uma praça na rua

XV de Novembro. "De manhã liberam um pouco de água, aí no resto do dia a gente tem que vir aqui pegar por precisa", desabafa um morador que se identifica como Aragão.

"No meu bairro só tem uma 'aguinha' de manhã, bem ralinha. Tem dia que tem um pouco à noite, tem dia que não. No geral, eu não chego a gastar tudo que tem na minha caixa d'água, quando enche, o problema é quando não dá nem tempo de encher", detalha o aposentado Lorival da Silva, 74 anos, morador do Jardim dos Ipês.

De modo geral, moradores que possuem caixas d'água conseguem aguentar até um

dia inteiro de desabastecimento, uma vez cheio o recipiente. A crise aperta mais as casas que não possuem o equipamento, além dos bairros mais afastados da região central.

A espera de uma solução, os moradores têm apelado a São Pedro para que as chuvas voltem o quanto antes e normalizem a situação.

OUTRO LADO

Em resposta à crise hídrica que assola o município, a Prefeitura de Artur Nogueira anunciou a implementação de novas medidas para reduzir a dependência da represa Cotrins.

"A administração garantiu

um investimento de R\$ 6 milhões junto ao Governo do Estado para a construção de uma nova adutora, que captará água do córrego Poquinho e abastecerá a Estação de Tratamento de Água (ETA) III, ajudando a mitigar os problemas atuais e fortalecer o abastecimento da cidade", informa nota enviada à reportagem.

O comunicado também menciona o planejamento da construção de uma nova represa no córrego Poquinho, com um investimento previsto de cerca de R\$ 15 milhões, que garantirá a segurança hídrica do município até 2052.

Na quarta-feira, a Defesa Civil do município recebeu da Força Aérea Brasileira, a

partir da base situada em Pirassununga, 300 paletes de água mineral, em galões e garrafas. Essa água será destinada a quatro escolas municipais e seis escolas estaduais, visando a manutenção das aulas. Além disso, o abastecimento beneficiará 12 postos de saúde e outros serviços públicos municipais.

Por fim, a administração afirmou que o município não ficará desabastecido até o fim do período de estiagem, adotando o racionamento da represa Cotrins e o abastecimento por outras fontes.

SECA HISTÓRICA

Um relatório de impactos emitido pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), aponta que a Região Metropolitana de Campinas (RMC), onde vivem 3,17 milhões de pessoas, enfrenta uma situação de seca severa.

A classificação de seca severa indica a imposição de restrições ou escassez de água, com possibilidade de perdas de culturas agrícolas ou pastagens. O quadro é resultado do fenômeno El Niño, que neste ano foi marcado por baixo volume de chuvas e temperaturas altas, acima da média histórica.

O período mais crítico foi em junho, quando o El Niño terminou. Os pontos de monitoramento do Cemaden não registraram nenhuma chuva durante aquele mês, que também teve uma média de temperatura de 21,1°C, contra 18,2°C da série histórica. A classificação de seca severa reflete a imposição de restrições ou escassez de água, com possibilidade de perdas de culturas ou pastagens.

Segundo a previsão meteorológica do instituto Climatempo, não são esperadas chuvas relevantes para os próximos 15 dias. Além de Artur Nogueira, o município de Vinhedo também adotou o racionamento de água para evitar o desabastecimento até o fim do período seco.

